Escola Municipal Professor João Baptista – Ladário MS.

Atividades Pedagógicas Complementares – EJA 4ª Fase.

Professora: Sara de Oliveira Assumpção

Turno: Noturno Turma: 4ª F/B Ano: 2020

Disciplina: Língua Portuguesa

Quantidade de aula : 05 Data: de 01 à 09/10/2020.

ATIVIDADE PEDAGÓGICA DE LÍNGUA PORTUGUESA

A última crônica

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão.

Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer um flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu quereria o meu último poema”.

Não sou poeta e Estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acentuar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno da mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do

bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho — um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de coca-cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno da mesa um pequeno ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a coca-cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “parabéns pra você, parabéns pra você…”

Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura — ajeita-lhe a fitinha no cabelo, limpa o farelo de bolo que lhe cai no colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. De súbito, dá comigo a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido — vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu quereria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

(Fernando Sabino. In: Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1979-1980.)

INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

1.Identifique:
Foco narrativo:
Cenário:
Tempo:
Personagens principais:

2.Qual a profissão do narrador? Retire um trecho do texto que justifique sua resposta.

3..Ele conta que entrou no botequim para tomar um café. Mas qual era o real motivo?

4..Releia o trecho “Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade.”,
a) Quem são esses “três esquivos”?
b) O que eles estão fazendo ali?

5. Observe o início do 2º parágrafo.
a) Que termo usado pelo narrador tem um tom pejorativo?
b)O casal senta-se no fundo do botequim. Qual seria o motivo?

6.No texto “A última crônica” há ideia de discriminação? De que tipo?
Escreva um comentário sobre seu ponto de vista.

7.Reescreva o trecho que mostra a pobreza das personagens.

8.Que sentimentos indicam o uso de diminutivos (arrumadinha, negrinha, menininha, fitinha) ao se referir à menina?

9.No desfecho, o que sente o narrador quando o pai sorri para ele?

10.Qual das alternativas melhor define o tema dessa crônica:

( ) Botequim não é lugar para festas de crianças.
( ) O preconceito racial e social.
( ) Uma família humilde, mas que não deixa a dura realidade da pobreza afetar o amor, o carinho familiar.
( ) As grandes dificuldades para se escrever uma crônica.

Oliveira Amaral Tania e Araújo Melo Aparecida Lucy - Coleção Tecendo Linguagens 8º ano – Editora IBEP - 5ª edição – São Paulo.2018

http://textoemmovimento.blogspot.com/2016/05/interpretacao-cronica-9-ano-ultima.html